

# AGÊNCIA E ESCRITA COLABORATIVA: O PROJETO WIDBOOK

Lucas Pazoline da Silva Ferreira (UFPE)  
prof.lucas pazoline@gmail.com

## Introdução

Os dispositivos e sistemas digitais permitiram modos diferentes de agir no mundo. Por outro lado, essas mesmas tecnologias surgiram e se aprimoraram porque seguem as transformações das práticas sociais. Em resumo, considera-se que a tecnologia digital e a sociedade são mutuamente constitutivas na medida em que a capacidade humana de atuar e intervir no espaço digital também está estruturada numa cultura específica, moldada pelas práticas comunicativas mediadas por sistemas computacionais. Sendo uma dessas práticas, a escrita colaborativa *on-line* permite a realização de gêneros, por meio dos quais se torna possível observar modos diversos de atuação dos sujeitos.

No intuito de contribuir com uma reflexão que relacione esse agir no mundo a certas práticas colaborativas na *Web*, objetiva-se, neste trabalho, caracterizar a escrita colaborativa *on-line* enquanto uma forma de agência no contexto da *Web*. Trata-se de uma proposta ensaística que compreende a escrita colaborativa como um processo sócio-interativo no qual diferentes sujeitos negociam a construção de um mesmo texto. Durante as discussões, será apresentado um projeto brasileiro de escrita colaborativa lançado em 2012, o *Widbook*. Essa plataforma digital, além de ser uma rede social, direciona seus membros à produção, à publicação e ao compartilhamento de *e-books* de forma gratuita.

Enfim, seguindo uma perspectiva interdisciplinar que agrega a Antropologia Linguística, a Teoria de Gênero Norte-Americana e a Ciência da Informação, esta investigação se desenvolve basicamente em dois momentos. No primeiro, a fim de mostrar como a correlação entre as noções de agência, gênero e tecnologia podem fundamentar uma discussão sobre escrita colaborativa *on-line*, serão utilizados os trabalhos de Ahearn (2001), Duranti (2004), Hoffnagel (2010), Bazerman (1988; 2005; 2006) e Miller (2009). No segundo momento, ao evidenciar os estudos de Lowry *et al.* (2004), que trazem uma taxonomia básica e interdisciplinar acerca da escrita colaborativa, o projeto *Widbook* será utilizado como exemplo para melhor observar como se materializa a agência *on-line*.

## 1 Agência, linguagem e tecnologias digitais

### 1.1 Agência: uma concepção recente

O conceito de agência abrange várias áreas (Antropologia, Linguística, História, Sociologia, entre outras) e também difere entre autores ou pesquisas. Um ponto fulcral nas discussões sobre agência refere-se ao fato de considerá-la ora uma “capacidade individual” ora uma “entidade coletiva”, não descartando com essa bissegmentação o viés relativista, que implica simultaneamente uma posição individual e coletiva. Aliás, cumpre ressaltar que as implicações sociais também são reconhecidas em qualquer uma das posições que se opte seguir.

Em termos amplos, a concepção de agência relaciona-se ao verbo “agir”, referente à capacidade de atuar, intervir e operar no mundo estruturado pelas forças e restrições socioculturais. Sendo assim, não se trata de um “agir” livremente, mas de uma capacidade

individual administrada por fatores socioculturais, os quais são construídos coletivamente. Portanto, a ideia de agência está intimamente ligada às práticas sociais e culturais que envolvem o ser que age (chamado “agente”) enquanto indivíduo no mundo.

“O conceito de agência ganhou notoriedade no final da década de 1970, pois pesquisadores entre muitas disciplinas reagem contra o fracasso do estruturalismo para levar em conta as ações dos indivíduos”<sup>1</sup> (AHEARN, 2001, p. 7). Segundo Ahearn (2001), não há como separar as ações humanas da estrutura social, pois elas são “dialeticamente relacionadas e mutuamente constitutivas”. Outro estudioso da Antropologia Linguística, Alessandro Duranti (2004), mesmo considerando a dificuldade em conceituar o termo agência, propõe uma definição relacionada à ideia de “entidades”.

Agência aqui é entendida como a propriedade dessas entidades (i) que possuem algum grau de controle sobre seu próprio comportamento, (ii) cujas ações no mundo afetam outras entidades (e algumas vezes elas próprias), e (iii) cujas ações são o objeto de avaliação (por exemplo, em termos de suas responsabilidades para um dado resultado). (DURANTI, 2004, p. 453)

Em *Agência na perspectiva da teoria de gênero*, Judith Hoffnagel (2010) faz uma revisão da literatura sobre o conceito de agência a fim de apresentar como os sujeitos (inter)agem no meio social através de práticas de linguagem. Segundo Hoffnagel (2010, p. 285), agência pode ser considerada, em termos amplos, “a capacidade individual de agir, escolher, decidir”. Todavia, como afirma a estudiosa, a noção de “ação individual” ainda gera controvérsias filosóficas, uma vez que há implicações na teoria social. “Agência refere à capacidade para liberdade de ação a luz de ou apesar das estruturas sociais; estrutura refere às forças e restrições sociais que afetam muito de nossas vidas sociais” (SCHRYER *et al.*, 2003, p. 64 *apud* HOFFNAGEL, 2010, p. 285).

O estudo de Hoffnagel (2010) mostra que nas últimas décadas, os movimentos sociais e as teorias “pós-modernas” contribuíram para que o conceito de agência ganhasse destaque. Essa atenção levou frequentemente ao termo agência ideias restritas vinculadas às noções de “livre-arbítrio” ou “resistência”. Ao relacionar a concepção de agência com a teoria da prática de Bourdieu e a teoria da estruturação de Giddens, Hoffnagel (2010, pp. 287-288) afirma que ao agir convencionalmente, os atores mantêm um dado estado de coisas; e ao agir de outra forma, eles influenciam um estado de coisas. Diante de tantas concepções e propostas de estudo, há um recente interesse de pesquisadores de gêneros sobre a afinidade entre agência e estruturas sociais, por exemplo, em relação à produção textual.

## 1.2 Agência e gêneros textuais

A agência pode ser observada por meio dos gêneros, uma vez que a produção textual também é uma ação envolvida em estruturas sociais. Desde um diálogo cotidiano até um artigo científico publicado em um periódico, as estruturas sociais influenciam esses textos ao mesmo tempo em que são influenciadas por eles. Por conseguinte, essas estruturas ou espaços sócio-discursivos se referem à família, à escola, ao trabalho, entre outras instâncias, as quais, em termos bakhtinianos, poderiam ser chamadas de “esferas da atividade humana” (BAKHTIN, 1992).

William Hanks (1987), por exemplo, examinou os gêneros de documentos coloniais pelos quais a sociedade maia foi trazida para o controle

---

<sup>1</sup> No original: “The concept of agency gained currency in the late 1970s as scholars across many disciplines reacted against structuralism's failure to take into account the actions of individuals” (AHEARN, 2001, p. 7).

regularizado espanhol: cartas à corte, crônicas e a demarcação de terras. As representações que o povo maia conseguiu criar para si dentro desses documentos determinados pelos espanhóis formaram a identidade oficial dos maias, definindo suas relações com o governo espanhol. (BAZERMAN, 2005, p. 53)

Em seu estudo, o antropólogo William Hanks (1987) mostra como a identidade dos maias foi constituída pelas produções textuais regularizadas pela sociedade espanhola. Trata-se de um exemplo claro de como atuam as formas restritivas na agência. Todavia, cumpre lembrar que a civilização maia, quando da invasão espanhola, no século XVI, já não era a sociedade no auge de seu desenvolvimento, mas em deterioração cultural, bélica, econômica, entre outros fatores que influenciaram diretamente na (re)constituição de sua identidade.

Em uma perspectiva retórica, Carolyn Miller (2009) entende o gênero enquanto “uma ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente”. Esse conceito, segundo Miller (2009, p. 41), funda-se “nas convenções de discurso que uma sociedade estabelece como maneiras de ‘agir junto’”. Aliás, seguindo tal ponto de vista, não há como contabilizar nem precisar uma taxonomia para os gêneros, pois eles estão subordinados à complexidade das transformações sociais.

Outra pesquisa sobre a relação entre gêneros e agência, também fundamentada na teoria retórica de gênero norte-americana, foi desenvolvida por Charles Bazerman (1988), estudioso do gênero em geral. “Os estudos de Bazerman (1988, 1999), sobre os cientistas Newton e Edison, mostram como usuários experientes desenvolvem um senso consciente de agência à medida que manipulam os sistemas de gênero que os formam” (HOFFNAGEL, p. 290), isto é, a percepção de que a capacidade para agir está condicionada às forças socioculturais. Por exemplo, no caso de Newton, ele modificou a pessoa e o tempo verbal utilizados na materialização do discurso científico a seu favor. No Brasil, por exemplo, grande parte dos manuais preconiza a utilização da terceira pessoa do singular ou da primeira pessoa do plural. Ainda segundo Bazerman (2005), os gêneros podem ser considerados formas sociais e “*habitats*” para ação.

O gênero fornece um meio para que os indivíduos possam orientar-se e realizar situações de modo reconhecível, com consequências reconhecíveis, e assim estabelecer um mecanismo concreto para teorias estruturais, as quais sugerem que a estrutura social é refeita constantemente em cada interação, restabelecendo as relações ordenadas [...] sugere ainda que a sociedade existe nas comunicações que ocorrem entre indivíduos e não na agregação de indivíduos que sempre agem como agentes individuais. Dessa forma, sugere que a estrutura social é encontrada na estruturação das comunicações que, por sua vez, estrutura as relações sociais. (BAZERMAN, 2005, p. 56)

Em resumo, um gênero orienta e possibilita a realização de ações (no caso em estudo, o processo de escrita colaborativa) de modo reconhecível, porque o sujeito está inserido em um dado espaço sociocultural de produção textual, e com consequências reconhecíveis, porque a finalidade daquela ação “deve” ser cumprida. Daí, se a linguagem é entendida enquanto “inter-ação” que estrutura uma sociedade, logo, ela se torna o meio privilegiado para conhecer esse ambiente social.

Diante do exposto, o movimento da escrita torna-se um meio de ação e, assim, uma agência, a qual, de acordo com Bazerman (2006, pp. 11-12), “fornece-nos meios pelos quais alcançamos outros através do tempo e do espaço, para compartilhar nossos pensamentos, para interagir, para influenciar e cooperar”. Portanto, nossas práticas de leitura e escrita estão intimamente ligadas à agência, pois quanto maior for a nossa reflexão acerca dos fenômenos

linguísticos que nos envolvem, maior será, também, nosso poder de agência. E a partir da ampliação desse conhecimento, será possível questionar e modificar atitudes ou situações, como acontece, por exemplo, no contexto das tecnologias digitais.

### 1.3 Agência e tecnologia

O desenvolvimento das tecnologias digitais, especialmente com a difusão da *Internet* e da *Web*<sup>2</sup>, não pode ser considerado apenas uma consequência das transformações de equipamentos, *softwares* (ou *apps*) e *hardwares*, uma vez que as práticas comunicativas realizadas pelo crescente número de usuários da rede também auxiliam nesse processo. Por outro lado, tais tecnologias também influenciam modos pelos quais os sujeitos agem, criando e comunicando. Aliás, cumpre ressaltar que nem sempre essa participação criadora e comunicativa esteve aberta a todos os usuários. Nos primeiros anos de divulgação da *Web*, por exemplo, a criação e a postagem de conteúdos estiveram sob a responsabilidade de pessoas “autorizadas” pelos sites, competindo aos demais usuários da rede apenas a visualização do que era disponibilizado.

Anos se passaram e a rede mundial de computadores continuou crescendo em usuários, serviços e aplicativos, distanciando-se, em certa medida, dos propósitos iniciais (militares e científicos) e evidenciando, cada vez mais, a participação de “jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” (LÉVY, 1999, p. 11). A partir dessas mudanças tecnológicas e sociais, os usuários passaram a publicar, a compartilhar, a (re)editar todo tipo de texto e a emitir opiniões, de forma “livre” e colaborativa, acerca dos mais diversos tipos de aplicativos, de serviços e de conteúdos. Essa aparente liberdade das mídias digitais gerou uma ilusão de “livre-arbítrio” na qual as pessoas poderiam agir sem restrições.

Entretanto, o que ainda se observa é que as empresas de telecomunicação, geralmente em parceria com entidades governamentais, monitoram praticamente tudo o que os usuários fazem na *Web*, desde simples *e-mails* até grandes transações financeiras. Esse movimento repressivo impulsionou o desenvolvimento da chamada *Deepweb*<sup>3</sup>, que tanto busca uma “liberdade total” quanto promove uma utilização criminosa da *Web*.

No Brasil, por exemplo, a Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL, por meio da Resolução nº 574, de 28 de outubro de 2011, decidiu que os provedores de internet deveriam arquivar os registros de dados dos seus contratantes por um período de 3 anos. Esse registro pode conter desde os sites acessados até as informações e os locais de onde foram enviadas e recebidas. Todavia, quando foi sancionado o Marco Civil da Internet (lei nº 12.965), esse tempo de arquivamento foi reduzido para 1 ano.

A Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, que garante os direitos e os deveres para internautas e empresas, estabeleceu basicamente três princípios, a saber: segurança, privacidade, e neutralidade. Trata-se de um passo positivo para a segurança jurídica no tráfego das informações via internet, mesmo que apenas em território nacional, porém ao mesmo tempo tal legislação pressupõe uma maior vigilância do Estado. Enfim, embora o tema “liberdade e repressão na *Web*” gere uma discussão ampla e delicada, é nítido que o usuário da *Web* ao fazer críticas, leituras e discussões, está consolidando o caráter colaborativo e democrático da rede.

---

<sup>2</sup> Em termos amplos, pode-se dizer que a Internet é a rede de computadores e a *Web* é uma plataforma executada na Internet.

<sup>3</sup> Os conteúdos e serviços da *DeepWeb* só podem ser acessados com *browsers* específicos. Por um lado, esse ambiente permite a proteção de conteúdos confidenciais de instituições públicas ou privadas, e mobiliza a liberdade de expressão; por outro, ele corrobora com a comercialização de todo tipo de material ilegal.

Uma maneira que eles [os jovens] têm usado para fazer isso [compartilhar e colaborar] é criando conteúdo — através de seus próprios blogs ou em combinação com o conteúdo de outras pessoas. Dessa maneira, a Geração Internet está democratizando a criação de conteúdo, e esse novo paradigma de comunicação terá um impacto revolucionário em tudo o que tocar — desde música e filmes até a vida política, os negócios e a educação. (TAPSCOTT, 2010, p. 54)

Enfim, o caráter democrático e repressor das tecnologias digitais na atualidade se materializa nas práticas comunicativas estruturadas pela cibercultura e pelo ciberespaço (LEVY, 1999). Por isso, ao constituir essas práticas, os gêneros textuais incorporam as características da natureza das tecnologias digitais (hipertextualidade) bem como a dinâmica das várias esferas da atividade humana. Portanto, enquanto um processo sócio-interativo no qual diferentes sujeitos negociam a construção de um texto em um dado gênero textual, a escrita colaborativa poderá ser vista enquanto uma das formas de agência no espaço digital.

## **2 Agência e escrita colaborativa**

### *2.1 Escrita colaborativa: concepção e tipologia*

A colaboração torna-se um dos princípios que promovem o desenvolvimento das tecnologias digitais. No caso da escrita colaborativa em ambientes digitais, especificamente, materializa-se certa hibridização das funções do autor e do leitor. Logo, observa-se que esse fenômeno ganhou destaque na *Web* devido à criação de equipamentos e sistemas que promovem essa metodologia de escrita, isto é, essa distinta possibilidade ação.

Em *Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice*, Lowry *et al.* (2004) consideram a expressão Escrita Colaborativa (*Collaborative Writing*) uma taxonomia interdisciplinar. Segundo os autores, a escrita colaborativa, mesmo envolvendo um esforço em grupo, necessita de uma base individual para coordenar a complexidade desse processo (LOWRY *et al.*, 2004). Além disso, Lowry *et al.* (2004) afirmam que, embora a escrita colaborativa se apresente dinâmica e muitas vezes não-linear, pode-se perceber uma progressão linear na qual há um ponto de partida e chegada, porém não há com prever o que acontece entre esses pontos.

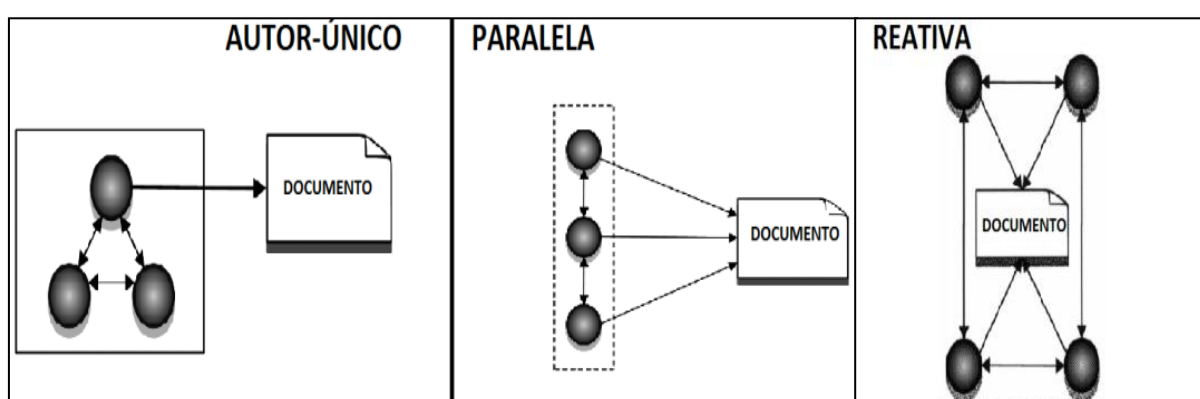
Assim, o processo de escrita colaborativa torna-se complexo porque, com base na tarefa de escrita desejada, há múltiplas estratégias e atividades de escrita, modos distintos de trabalho e papéis diferentes assumidos pelos participantes. Aliás, advertem os autores, toda essa complexidade, se não for bem administrada espaço-temporalmente, pode ocasionar a perda de entusiasmo do grupo. Por isso, tendo em vista a limitação de muitas definições de escrita colaborativa ou expressões similares, alguns cientistas da informação sugerem uma concepção de natureza interdisciplinar, a qual pode ser bem acomodada em outras áreas.

Por sua vez, Lowry *et al* (2004, p. 72) propõem sua definição de escrita colaborativa a partir de seis axiomas, a saber: a) a escrita *single-autor* envolve as atividades mínimas de planejamento, elaboração e revisão; b) a escrita colaborativa estende-se sobre a escrita *single-autor*, envolvendo múltiplas partes e as atividades mínimas de planejamento, elaboração e revisão; c) por envolver vários grupos de trabalho a fim de uma tarefa comum de escrita, a escrita colaborativa torna-se um ato social que requer outras atividades que não estão envolvidas na escrita *single-autor*, tais como a construção de um consenso; d) uma vez que várias pessoas estão trabalhando para uma tarefa comum, uma experiência de escrita colaborativa eficaz exige comunicação, negociação, coordenação, pesquisa em grupo, monitoramento, reencaminhamento, punições, gravações, socialização, e assim por diante; e)

qualquer tarefa de grupo realizada de forma ideal deve incluir atividades de “pré-tarefa” para configurar a tarefa (por exemplo, a formação de grupos) e atividades “pós-tarefa” para finalizar a entrega de tarefas; f) as tarefas de grupo devem pressupor planejamento, execução e finalização.

“A escrita colaborativa é um processo iterativo e social que envolve uma equipe focada em um objetivo comum que negocia, coordena, e se comunica durante a criação de um documento comum”<sup>4</sup> (LOWRY *et al.*, 2004, p. 72). Além dessa concepção, Lowry *et al.* (2004, p. 74) propõem basicamente três estratégias para o processo de escrita colaborativa, a saber: a escrita de autor-único do grupo (*group single-author writing*), a escrita paralela (*parallel writing*) e a escrita reativa (*reactive writing*). A Figura 1 traz uma visualização dessas metodologias de escrita.

**Figura 1** – Estratégias de escrita colaborativa



**Fonte:** Lowry *et al.* (2004)

Na escrita “autor-único”, uma pessoa torna-se responsável por escrever o texto. Na verdade, trata-se de uma equipe que trabalha em um consenso coordenado, cuja responsabilidade de apresentar o resultado é atribuída a apenas um membro da equipe. É por isso que essa escrita também pode ser qualificada como colaborativa. Segundo Lowry *et al.* (2004), há uma variação dessa estratégia, chamada “escrita sequencial”, que acontece quando, no decorrer do trabalho, a responsabilidade da escrita é alternada sequencialmente entre os membros do grupo até a finalização do texto. Essa metodologia simplifica a organização do grupo em termos de distribuição de tarefas, mas cria uma falta de consenso do grupo tanto em relação às ideias quanto à própria materialidade do texto, isto é, a falta de controle de versões (LOWRY *et al.*, 2004).

Na “escrita paralela”, cada membro do grupo, desde o início, torna-se responsável por uma parte do texto, que não necessariamente deve corresponder a seções separadas. Embora essa estratégia garanta certa autonomia de trabalho e anonimato, pode ocorrer desatenção de algum membro, ruídos na comunicação, diferenças estilísticas e excesso de informação. Segundo Lowry *et al.* (2004), há duas variações da escrita paralela, a saber: a escrita de divisão horizontal, na qual um dos membros fica responsável pela unidade e revisão final do texto, o qual foi anteriormente distribuído em seções; e a escrita de divisão estratificada, na qual as inclinações de cada membro (escritor, editor, revisor) são consideradas antes da divisão do texto.

<sup>4</sup> No original: "CW is an iterative and social process that involves a team focused on a common objective that negotiates, coordinates, and communicates during the creation of a common document" (LOWRY *et al.*, 2004, p. 72).

Na “escrita reativa”, não há um planejamento prévio significativo ou uma coordenação explícita como nas estratégias supracitadas. Trata-se de uma produção de texto em tempo real sugerida por escritores que, no decorrer dos trabalhos, reagem às contribuições de cada participante, ajustando o texto conforme o consenso do grupo. Esse tipo de metodologia possibilita a construção de um consenso baseado na livre expressão dos participantes, considerando o desenvolvimento da criatividade. Entretanto, a coordenação das contribuições para a organização da versão final torna-se uma tarefa árdua, especialmente se se tratar de um grupo grande.

Entre outros elementos do processo de escrita colaborativa, há os papéis que cada participante pode desempenhar. Por isso, Lowry *et al.* (2004) listam os mais comuns, a saber: a) escritor – responsável pela escrita de uma parte do texto escrito colaborativamente; b) consultor – participante que fornece conteúdos e *feedbacks*, mas por ser externo ao grupo, não tem propriedade pelo texto em construção; c) editor – responsável pela produção global do texto, podendo fazer alterações no conteúdo e no estilo do texto; d) revisor – participante interno ou externo a um grupo de escrita colaborativa que fornece *feedbacks* para conteúdos específicos; e) líder do grupo – membro de um grupo de escrita colaborativa cuja responsabilidade perpassa desde a autoria até as atividades de revisão, de modo a conduzir os trabalhos com um planejamento adequado e motivador; f) facilitador – participante externo que, de forma planejada, lidera um grupo de escrita colaborativa, mas não dá *feedbacks* ao conteúdo do texto.

## 2.2 Widbook e a agência on-line

Na Web, encontram-se vários projetos relacionados à escrita colaborativa mediada pela tecnologia digital. As plataformas Wikibooks ([www.wikibooks.org](http://www.wikibooks.org)), Connexions (<http://www.cnx.org>), Booktype (<http://www.sourcefabric.org/en/booktype>), Pressbooks (<http://pressbooks.org/>), Sophie (<http://www.sophieproject.org/>) e Widbook (<http://www.widbook.com/>) são exemplos desse tipo de iniciativa. Por ser uma proposta nacional, o Widbook terá um maior destaque neste estudo, embora uma análise realizada pelo projeto *Latin*<sup>5</sup> tenha apontado a plataforma Connexions como a mais completa até o momento.

O Widbook é uma plataforma digital direcionada à escrita, à leitura e ao compartilhamento de *e-books* de forma gratuita. Disponível desde 2012, ele oferece uma rede social que permite o diálogo com outras redes, como o Facebook e o Twitter, promovendo, com isso, o crescimento do seu número de usuários e uma maior interação entre seus escritores/leitores. Sendo assim, como essa capacidade de agir colaborativamente se estrutura através do Widbook e da própria Ciberultura?

Primeiramente, em relação à proposta de escrita colaborativa, considerada neste estudo um processo social e interativo no qual os sujeitos negociam a produção de um mesmo texto, observa-se que todas as estratégias apresentadas por Lowry *et al.* (2004) são possíveis no Widbook, a saber: a escrita de autor-único do grupo, a escrita paralela e a escrita reativa. Entretanto, a capacidade de cada participante para atuar na realização do texto (previamente planejado ou não) de modo colaborativo estará sempre subordinada a uma negociação com o proprietário da conta a qual o *e-book* está vinculado, pois ele decidirá a estratificação (divisão de papéis) de cada membro do grupo de trabalho. Logo, nota-se que a plataforma em si já estrutura certas relações de poder dentro das quais os sujeitos irão agir. É tal fato, como será observado a seguir, pode estar relacionado ao objetivo do Widbook e aos gêneros mais praticados através dessa plataforma.

---

<sup>5</sup> Ver em <http://latinproject.org/index.php/pt/resultados>.

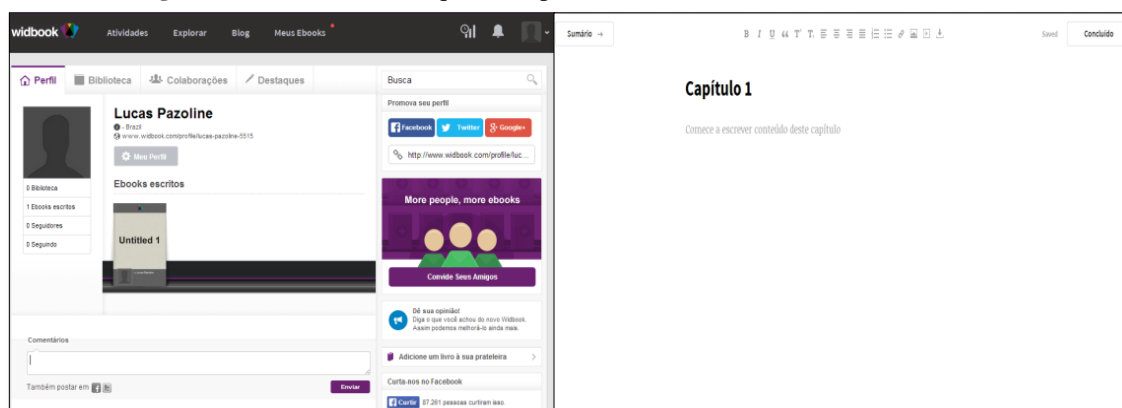
O principal objetivo do *Widbook* é a produção/publicação colaborativa de *e-books*. Em relação ao que é produzido/publicado, percebe-se que há certa delimitação dos gêneros que poderão ser realizados através da plataforma. Por exemplo, não se trata de verbetes, como na *Wikipédia* (<http://pt.wikipedia.org/>), ou de informes, como no *Mural.ly* (<https://mural.ly/>). Na verdade, enquanto uma “transmutação” do livro impresso, o *e-book* normalmente será seletivo a alguns gêneros, isto é, o gênero que cumpre sua função comunicativa no suporte livro impresso não terá dificuldades ao ser realizado em um *e-book*.

Tais afirmações podem ser comprovadas ao observar os gêneros que são produzidos no *Widbook*, os quais estão relacionados, em sua maioria, à Literatura. São romances, contos, novelas, entre outros. Fato curioso é que as estratégias de escrita referentes a essa “categoria” de gêneros implicavam certa promoção da escrita individual (canônica), refletida no tripé escritor-obra-leitor. No entanto, a escrita colaborativa concretizada através das ferramentas disponíveis no *Widbook* sugere um olhar diferente sobre esse tripé.

Como dito, o *Widbook* promove certa estratificação do processo colaborativo, em particular, através de sua rede social. Por exemplo, durante a produção do *e-book*, o escritor poderá solicitar ajuda aos outros membros da plataforma, os quais possivelmente oferecerão sugestões ou participarão da revisão ou edição do texto. Entretanto, essas contribuições devem ser autorizadas e, além disso, deve ser especificado o grau de interação com os outros membros da rede, especialmente em um caso de co-autoria (colaboração aceita pelo autor).

Um fato que chama atenção na produção de *e-book* (ver Figura 2) do *Widbook* é que o(s) autor(es) conta(m) com diversas ferramentas tanto para a manipulação de texto escrito quanto para a utilização de multimídia e *hiperlinks*. Tais elementos apontam para uma possível tendência das publicações digitais, a qual se distancia de uma produção textual moldada sob os contornos da mídia impressa. Aliás, outra característica do *Widbook*, que corrobora essa tendência e evidencia uma utilização efetiva do potencial da *Web*, refere-se à finalização da obra, pois o(s) autor(es) que não precisa(m) esperar que seu *e-book* esteja concluído para publicá-lo. Assim, conforme o texto é produzido, pode-se receber *feedbacks* instantâneos, auxiliando, assim, no objetivo a ser cumprido (o *e-book*).

**Figura 2** - Rede social (à esquerda) e plataforma de escrita (à direita) do *Widbook*



**Fonte:** Próprio autor (2014)

Portanto, o *Widbook* torna-se um exemplo que “materializa” a agência no contexto das tecnologias digitais na medida em que a capacidade de atuar, intervir e operar na plataforma é estruturada por forças e restrições socioculturais. Nesse caso, não se está falando apenas das regras e das estratégias de escrita colaborativa que a plataforma propõe, mas também das próprias forças e restrições da *Web* e fora dela, como, por exemplo, os *copyrights*, que ainda geram polêmica e desconforto especialmente quando se trata de autoria no contexto digital. Todavia, como observado no desenvolvimento da *Internet/Web*, essa



tendência colaborativa *on-line* da sociedade atual em conjunto com as ferramentas digitais disponíveis tem contribuído de modo substancial para o surgimento e o fortalecimento de propostas como o *Widbook*.

## Considerações finais

A correlação entre agência, gênero e tecnologia apresentada nesta investigação é possível na medida em que se considera a língua(gem) como prática social, isto é, as ações mediadas por recursos linguísticos em contextos situados, mobilizados por influências sociais, psicológicas, ideológicas e culturais. Para o caso em estudo, focalizaram-se as ações realizadas na cultural digital, especialmente quando manifestadas por gêneros textuais virtuais. Estes gêneros, portanto, constituem as ações humanas no ciberespaço, fato que pôde ser observado com a escrita colaborativa *on-line*, visto que se trata de uma estratégia de escrita cuja finalidade é também a realização de gêneros.

Por conseguinte, a capacidade de agir e atuar no espaço digital a partir de ou apesar das forças e restrições que são estruturadas pela própria cultura digital caracteriza a agência *on-line*, que pode também ser percebida por meio da escrita colaborativa quando, por exemplo, materializada em plataformas como o *Widbook* e similares. Além disso, o reconhecimento dessa capacidade pode mobilizar o questionamento e a modificação de atitudes ou de situações. E essa disposição implica no surgimento de novas tecnologias bem como de novas práticas sociocomunicativas em espaços digitais como, por exemplo, a *Web* e a *DeepWeb*. Tal fato evidencia o caráter democrático das tecnologias digitais, em especial quando se trata de uma geração composta por sujeitos dispostos a experimentar colaborativamente as formas novas e diferenciadas de interação.

Por fim, conclui-se que o desenvolvimento deste trabalho, mesmo enquanto uma proposta ensaística, contribui para fortalecer o debate acerca da leitura e escrita na *Web*, especificamente ao tratar sobre a escrita colaborativa enquanto uma forma de agência e sobre as tecnologias digitais que possibilitam a constituição da cultura digital. Além disso, as discussões teóricas bem como as referências apresentadas nesta investigação poderão auxiliar na produção de novas investigações, uma vez que a literatura que correlaciona esses fenômenos (agência, escrita colaborativa) ainda é insuficiente.

## REFERÊNCIAS

AHEARN, Laura. *Agency*. IN: DURANTI, Alessandro. **Key Terms in Language and Culture**. Oxford, Blackwell. 2001.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, Charles. **Shaping Written knowledge: the genre and activity of the experimental article in science**. Madison, Wisconsin, The University of Wisconsin Press. 1988.

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

BERNERS-LEE, Tim. **The World Wide Web: Past, Present and Future**. 1996. Disponível em < <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/1996/ppf.html> >. Acesso em agosto de 2012.

BRASIL. **Lei 12.965, de 23 de abril de 2014.** Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)> Acesso em setembro de 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p.

DIONÍSIO, Ângela Paiva, *et al.* (orgs.). **Bate-papo acadêmico.** Disponível em:  
<http://www.nigufpe.com.br/batepapoacademico/bate-papo-academico1.pdf> Acesso em: 15/06/2014.

DURANTI, A. *Agency in Language.* In: **A Companion to Linguistic Anthropology.** United Kingdom, Blackwell – 451-473. 2004.

HANKS, William. **Discourse genres in a theory of practice.** American Ethnologist, 14 (4): 668-692, Nov. 1987.

\_\_\_\_\_. **Língua como prática Social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2008.

HOFFNAGEL, Judith C. **Temas em antropologia e linguística.** Recife: Edições Bagaço, 2010.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar.** Rio de Janeiro; Jorge Zahar ed. 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. Editora 34, 1999.

LOWRY, P. B.; CURTIS, A.; LOWRY, M. R. **Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice.** Journal of Business Communication, 41, 66-99. 2004.

MILLER, Carolyn R. **Estudos sobre: gênero textual, agência e tecnologia.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

TAPSCOTT, Don. **A hora da Geração Digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

XAVIER, A. C. dos S.. **A era do hipertexto: linguagem & tecnologia.** 1. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. v. 1. 227p.